***O Cristo em Nós***

Se pensarmos em qualquer uma das virtudes humanas - caridade, fraternidade, perdão, paciência, sabedoria, tolerância, indulgência, justiça, coragem, temperança, humildade - qualquer uma, veremos que todas elas encontram-se desenvolvidas em seu grau máximo, em sua excelência no Cristo.

Agora, se nos perguntarmos qual a razão de estarmos reencarnados na Terra, nessa infinidade de condições, com todos os problemas que assolam a humanidade nos 4 cantos do nosso planeta, podemos afirmar sem medo de errar, que nosso objetivo principal é desenvolver gradativamente as virtudes que já existem em plenitude no Cristo.

E é exatamente esse o tema das nossas reflexões de hoje: *O Cristo em Nós*. Reparem que não é *Jesus em Nós.* E por quê essa distinção? Afinal de contas, nosso mestre não é Jesus Cristo? Então tanto faz dizer *O Cristo em Nós* ou *Jesus em Nós*, certo? De fato trata-se do mesmo Espírito. Contudo, vamos apresentar as explicações que o Espiritismo nos dá acerca do assunto.

A palavra Cristo tem origem no grego Christós, que significa "ungido" ou "escolhido por Deus". Portanto, Cristo não é um nome ou sobrenome; é um termo que define alguém de altíssima condição espiritual.

Emmanuel na obra *A Caminho da Luz*, psicografado por Chico Xavier, no capítulo I - *A Gênese Planetária*, nos diz que existe uma Comunidade de Espíritos puros e escolhidos por Deus, ou seja, uma comunidade de Cristos que é encarregada de tomar todas as decisões sobre a vida nas coletividades planetárias do nosso sistema solar.

Jesus é um dos integrantes dessa comunidade e recebeu diretamente de Deus a missão de ser co-criador do planeta Terra. Isso quer dizer que desde que nosso planeta nasceu, Jesus, o "nosso" Cristo já era o governador espiritual da Terra.

No nosso atual estágio evolutivo é impossível compreendermos a grandeza do Cristo. Nosso planeta tem aproximadamente 4.5 bilhões de anos. É uma medida de tempo tão grande que nós não conseguimos nem mesmo conceber. Nossa noção de tempo é limitada àquilo que alcança nossos sentidos, àquilo que nossa História consegue registrar.

E o que os séculos e mesmo os milênios representam diante desses 4.5 bilhões de anos de existência do nosso planeta? Praticamente nada.

Portanto, em termos de evolução espiritual existe um gigantesco abismo entre nós e o Cristo. Mas, a despeito disso, Ele, atendendo aos desígnios de Deus, fez-se homem entre nós para dar-nos os exemplos vivos do Seu Evangelho de amor e de luz.

Antes de nós prosseguirmos, há uma questão que vale a pena esclarecer.

É possível que em algum momento de nossas vidas já tenhamos nos perguntado como fica a evolução espiritual dos povos e das sociedades não cristãs. Estariam elas privadas de evoluir espiritualmente? O que as aguarda na vida futura?

A população mundial hoje é de aproximadamente 8.1 bilhões de pessoas. Desse total, 2.63 bilhões são cristãos, ou seja, mais ou menos 33% de toda a população do mundo. Como ficam então os outros 67% que não são cristãos?

Seria uma injustiça de Deus dar à apenas 1/3 da população da Terra o direito de "salvar-se" através do cristianismo. Obviamente não podemos admitir a ideia de Deus com qualquer traço de injustiça, então deve haver uma explicação.

Quem nos explica é Emmanuel, também na obra *A Caminho da Luz.*  No capítulo IX - *As grandes religiões do passado*, item *A gênese das crenças religiosas*, Emmanuel nos diz que todas as religiões do mundo têm sua origem no amor incondicional do Cristo.

Todos os grandes líderes religiosos da humanidade, mesmo aqueles que viveram antes de Jesus - Buda, Lao-Tsé, Confúcio, Moisés, Maomé - exerceram seu papel junto aos seus povos sob o comando do Cristo.

Emmanuel diz também que é um erro terrível considerar bárbaros e pagãos os povos que ainda não conhecem diretamente o evangelho de Jesus porque Ele sempre acompanhou e ainda acompanha a evolução de todas criaturas em nosso planeta.

Dessa forma, não há nenhum povo ou civilização que não tenha recebido, direta ou indiretamente, os ensinamentos do Cristo.

E não poderia ser de outra forma. Jesus trabalha de acordo com a vontade de Deus e sendo Deus soberanamente justo e bom, Ele não poderia privar os povos não cristãos do direito de evoluírem e alcançarem paz e felicidade na vida futura.

Diga-se de passagem toda e qualquer atrocidade que nós vemos sendo cometidas por questões religiosas é uma distorção do ensinamento original. Basta lembrar que o próprio cristianismo tem um capítulo negro em sua história que foi a Inquisição.

Assim, esse Espírito Excelso vem conduzindo os processos de evolução da humanidade no planeta Terra desde a sua formação. E há pouco mais de 2 mil anos, Ele decidiu que era chegado o momento de fazer-se homem como nós. Nasce então Jesus, o Cristo.

Joana de Angelis, através da psicografia de Divaldo Franco, nos conta na obra *Celeiro de Bênçãos*, na lição 59 intitulada *Epopéia do Natal*, que a situação da humanidade quando Jesus nasceu era desoladora.

A ignorância que predominava era um convite à violência e ao crime.

Os ideais de justiça e moral estavam sufocados pela promiscuidade e pela desonestidade.

O povo sofria humilhações, misérias e opressões.

Os poderosos se utilizavam das leis para se manterem no poder e para exercerem dominação arbitrária.

O cenário político era marcado pela ociosidade e pela negligência das necessidades do povo, colocando à margem do caminho os fracos e os humildes.

Qualquer semelhança com os dias atuais não é mera coincidência.

Se 2 mil anos já se passaram e a humanidade ainda se encontra nas mesmas condições, não é por não compreender os ensinamentos do Cristo; é por não vivenciá-los.

Vamos trazer alguns apontamentos que podem nos auxiliar nesse processo de vivenciar os ensinamentos do Cristo.

O primeiro ponto que gostaríamos de destacar é que o Evangelho do Cristo deve ser sempre a nossa referência, a bússula a guiar nossos passos e ações. Todos os atos de nossas vidas deveriam ser pautados pelo Evangelho do Cristo.

Temos o evangelho como nosso farol, mas como somos ainda muito imperfeitos, haverá momentos em que estaremos em dúvida: devo agir dessa ou daquela forma? Se eu escolher esse caminho que aparentemente é o melhor para mim, poderei prejudicar a alguém?

Costuma-se dizer que nos momentos de dúvida devemos nos perguntar o que Jesus faria se Ele estivesse em nosso lugar. É uma reflexão interessante e que pode realmente nos ajudar, nos dar um direcionamento sobre a escolha correta a ser feita.

Mas e se nossa pergunta fosse: "O que Jesus diria se ele me visse agindo dessa forma"?

Essa segunda pergunta coloca mais responsabilidade sobre nossos ombros. Enquanto na primeira eu tento imaginar Jesus agindo e eu O observando, na segunda sou eu que estou agindo e Jesus me observando. Uma coisa é eu ver Jesus fazendo algo; coisa bem diferente é Jesus me ver fazendo algo.

Há situações em a gente pensa: "Bom, Jesus faria dessa forma, mas Ele é perfeito. Como eu não sou, então farei do meu jeito mesmo". A bem da verdade isso é uma desculpa; a gente meio que lava as mãos e faz aquilo que não é certo, mesmo sabendo que não deveria agir daquela maneira. Deliberadamente nós permanecemos no erro.

Vamos tomar como exemplo algo que é extremamente comum nos dias de hoje. Estou eu vasculhando as publicações em uma rede social qualquer quando me deparo com uma publicação ou um comentário do qual eu discordo completamente. Imediatamente surge aquela vontade enorme de escrever uma resposta ácida, venenosa, rebatendo fervorosamente aquele conteúdo.

Posso até mesmo escrever palavras que ofendam o autor da publicação. Afinal de contas, depois que publicar minha resposta, posso simplesmente virar as costas e nunca mais olhar para aquilo. A pessoa a quem respondi que se vire para digerir minha resposta.

As redes sociais se tornaram verdadeiros campos de batalha. Muitas pessoas têm se apoiado no anonimato e no contato meramente virtual para descarregarem agressões e ofensas nos outros.

Não há nada de errado em discordar, em contra argumentar um ponto de vista de alguém, mas isso não precisa ser feito de maneira agressiva. Parece haver uma pré-disposição, uma ânsia para brigar nas redes sociais.

Voltando ao exemplo que apresentei, se nessa situação eu imagino Jesus bem ali ao meu lado, lendo cada palavra que estou escrevendo, será que eu sigo adiante? Se eu imagino Jesus me dizendo: "Filho, você vai mesmo endereçar essas palavras a alguém que você nem mesmo conhece? Já pensou no mal estar, nos pensamentos e sentimentos negativos que suas palavras podem despertar na outra pessoa?".

Há uma boa chance de que, se eu fizer realmente essa reflexão, eu mude de ideia e não publique minha resposta.

Então nós deveríamos sempre imaginar que, em tudo o que fazemos na vida, Jesus está ali, ao nosso lado observando nossas ações, pensamentos e sentimentos.

Se adotarmos essa prática pouco a pouco teremos mais força de vontade para superar nossos erros e imperfeições.

De qualquer forma, o que precisamos ter em mente é que, para toda e qualquer situação de nossas vidas, podemos e devemos adotar o evangelho como nosso primeiro e mais importante guia.

Uma outra questão à qual nós precisamos nos atentar é que não devemos esperar a perfeição para trabalhar na seara de Jesus.

Muitas pessoas se dizem incapazes de seguir os ensinamentos do Cristo pelo fato de serem imperfeitas, portadoras de muitos defeitos. Isso é um enorme equívoco.

Essa maneira de pensar é curiosa porque mostra que Jesus tem mais confiança em nós do que nós mesmos. Em João 14:12 Jesus disse:

*"Aquele que crê em mim, as obras que eu faço, ele também fará, e fará maiores do que estas, porque eu vou para o Pai".*

Através dessas palavras Jesus destaca que a semente divina existe em todos nós, sem exceção. Mas a condição para que essa semente germine, floresça e frutifique é crer em Jesus.

Porém, não se trata de uma crença superficial, passiva; trata-se da crença materializada nas obras no bem.

Não podemos aguardar a nossa perfeição para trabalhar com o Cristo e para o Cristo. É exatamente o contrário: construiremos nossa perfeição à medida que trabalharmos com o Cristo e para o Cristo.

Se Jesus somente aceitasse pessoas perfeitas para aprenderem com Ele e posteriormente darem continuidade à Sua obra, Ele teria trabalhado sozinho.

Vamos pensar nos apóstolos.

Pedro negou Jesus por 3 vezes. Na ocasião em que Jesus estava prestes a ser preso, agiu com impulsividade e cortou a orelha do soldado romano, ainda que Jesus pedisse tranquilidade a todos.

Tiago e João queriam que descesse fogo do céu para destruir os samaritanos que se recusaram a dar hospedagem a Jesus simplesmente porque Ele se dirigia a Jerusalém. Jesus repreendeu a ambos dizendo

*... o filho do homem não veio para destruir a vida dos homens, mas para salvá-la.*

Tomé era incrédulo. Não acreditou que Jesus havia vencido a morte enquanto não tocou as áreas perfuradas pelos cravos no corpo de Jesus ressucitado.

Natanael, também chamado Bartolomeu, era preconceituoso. Quando foi informado por Filipe que o Messias previsto por Moisés havia sido encontrado e que ele era de Nazaré, Natanael diz "De Nazaré, pode sair algo bom?".

E Judas então? O caso de Judas merece explicações mais detalhadas.

Eu sei que pode soar estranho para vocês, mas eu tenho um apreço especial pela figura de Judas. Já li muito a respeito dele, inclusive obras não espíritas.

Jesus tinha pleno conhecimento de que Judas poderia vir a traí-lo.

Judas não veio ao mundo predestinado a trair Jesus. Ao contrário do que se fala, a motivação de Judas não foi o dinheiro. O problema é que Judas tinha ânsia de ver o povo liberto do domínio romano. Em várias ocasiões Jesus o advertiu sobre os perigos dessa ansiedade. Mas Judas cedeu aos seus impulsos e acabou por trair o Mestre.

Se Judas tivesse traído Jesus por dinheiro, ele não teria devolvido as 30 moedas que recebeu dos sumo-sacerdotes. A motivação de Judas foi política.

De qualquer forma, Judas, assim como todos nós, fez uso do seu livre arbítrio. Sua escolha poderia ter sido outra, mas a partir do momento que traiu Jesus, sofreu todas as consequências de seu ato infeliz.

O caso de Judas é emblemático para a humanidade. Ainda hoje a maioria das pessoas o condena, ignorando que o próprio Jesus já o perdoou. Isso prova nossa enorme dificuldade em praticar os ensinamentos do Cristo.

Diga-se de passagem, Judas já se redimiu do seu engano. Na obra “Crônicas de Além Túmulo” ditada pelo Espírito Humberto de Campos à Francisco Cândido Xavier, no capítulo 5 intitulado *Judas Iscariotes* encontramos um diálogo entre Humberto de Campos e Judas.

Nesse diálogo, Judas diz que sofreu por séculos a fio nas zonas inferiores mas na Europa do século XV, traído, vendido e usurpado, assim como o próprio Jesus, finalmente resgatou sua dívida entregando sua vida na fogueira da inquisição.

Essas palavras praticamente confirmam que Joana D’Arc foi, de fato, Judas em sua última encarnação na Terra. Existe um livro que aborda esse assunto no qual o autor destaca semelhanças muito próprias entre as vidas de Judas e Joana D’Arc. O livro chama-se “Judas Iscariotes e sua Reencarnação como Joana D’Arc”, o autor chama-se José Fuzeira. É um estudo que foi desenvolvido com a aprovação de Emmanuel.

Enfim, todos esses exemplos que apresentamos mostram que os discípulos eram pessoas comuns, que erravam. E mesmo diante dessas demonstrações de imperfeição, Jesus não rejeitou nenhum deles, não impediu nenhum deles de continuar a segui-Lo.

Além dos apóstolos temos outros exemplos.

A mulher adúltera a quem a multidão queria apedrejar. Jesus impede a sua morte e oferece a ela a liberdade física e espiritual ao dizer "Vá e não peques mais".

Zaqueu que era um homem rico e malvisto por seu povo. Ao ouvir que Jesus estava passando, ele subiu em um sicômoro (um tipo de figueira) para vê-lo. Jesus o chamou e foi à sua casa. Zaqueu então promete dar metade de seus bens aos pobres e devolver quatro vezes mais a quem havia extorquido.

Por fim, e talvez o maior exemplo de todos, Saulo de Tarso que foi um ferrenho combatente do cristianismo. Após seu encontro com Jesus às portas de Damasco, converte-se em Paulo de Tarso e torna-se um dos maiores missionários do cristianismo.

Jesus é um mestre por excelência. Ao aceitar como discípulos e ao amparar pessoas com as mais diversas imperfeições, Ele nos ensinou que todos os que queiram segui-Lo podem fazê-lo.

Precisamos ter isso em mente. Não importa a extensão dos nossos erros, a partir do momento em que estejamos verdadeiramente dispostos a servir na seara de Jesus, Ele nos aceita como trabalhadores.

Ah, então tudo aquilo de errado que eu já fiz será apagado e esquecido? Não, definitivamente não. Toda e qualquer transgressão às leis de Deus, por menor que seja, terá que ser reparada por nós mesmos.

Jesus não é conivente com nossos erros e nem nos incentiva a permanecer neles. Mas o Mestre tolera nossas imperfeições, nos perdoa e nos oferece as oportunidades de trabalho através das quais podemos reparar nossas faltas do passado.

O processo de transformação para que o Cristo viva em nós precisa ser feito com equilíbrio. Por mais que queiramos promover nossa reforma íntima, ela não acontecerá da noite para o dia.

As mudanças serão pequenas e acontecerão aos poucos. A expectativa de uma transformação completa do nosso ser irá nos frustar e poderá dificultar muito nossa evolução.

Emmanuel diz que a disciplina antecede a espontaneidade. Isso quer dizer que na maioria das vezes nós fazemos as coisas certas primeiro por obrigação e só mais tarde passamos a fazê-las com naturalidade.

Vamos dizer que sou o tipo de pessoa que, ao ser ofendido ou insultado, imediatamente revida também com uma ofensa ou um insulto. Como se diz popularmente, eu não levo desaforo para casa.

Num determinado momento da minha vida tenho contato com o Evangelho de Jesus. Tomo conhecimento que o Mestre nos recomenda que, quando alguém nos bater em uma face, devemos oferecer ao ofensor a outra face. O que significam essas palavras? Diante do comportamento negativo de alguém, tenhamos para com aquela pessoa o comportamento oposto.

Tendo adquirido esse conhecimento, todas as vezes que eu revido uma ofensa começo a me sentir desconfortável. Afinal de contas, já sei que deveria agir da maneira diferente. Porém, infelizmente eu ainda não consigo.

Passado algum tempo, eu começo a me calar diante das ofensas dirigidas a mim. O sangue ferve, os batimentos cardíacos vão nas alturas, a vontade de falar um monte de coisas é enorme, mas em um esforço gigantesco eu consigo me manter calado. Sempre que me lembro daquela ofensa surge em mim um desejo enorme de ter revidado.

Decorrido mais algum tempo, eu continuo me calando diante das ofensas, mas percebo que tenho feito um esforço menor; meu corpo físico já não se ressente tanto por eu ter contido o impulso de revidar. E mais: ao me lembrar da ofensa já não sinto arrependimento por não ter revidado. Muito pelo contrário: sinto-me satisfeito por ter permanecido em silêncio.

Chegará o momento em que, diante da ofensa, eu não apenas deixarei de revidar como também serei capaz de me dirigir ao ofensor de maneira serena e equilibrada, evitando assim qualquer discussão. É um novo comportamento, uma nova atitude.

Aquilo que comecei fazendo por obrigação e que exigiu um esforço gigantesco da minha parte, aos poucos tornou-se o meu comportamento natural. O curioso nesse tipo de transformação é que, geralmente sentimos um pouco de vergonha da maneira como agíamos antes e, o mais importante, já não nos permitimos mais agir daquela maneira antiga.

Portanto, não há nenhum problema que no início façamos as coisas certas por obrigação. O importante é fazê-las. Com o tempo nós as faremos de maneira natural.

Seguindo com nossas reflexões, não há como falar em internalizar os ensinamentos do Cristo sem falar em renúncia, coragem e força de vontade. Para entendermos o que isso significa, vamos recorrer à duas passagens evangélicas.

A primeira está em Mateus 16:24

*"Então Jesus disse aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me".*

São instruções claras, de entendimento fácil e de prática muito difícil.

Há muitas pessoas que interpretam de maneira equivocada o *negue a si mesmo*. Elas pensam que Jesus nos pede para nos anularmos, para abdicarmos completamente de nossa personalidade. Para seguir Jesus teríamos que deixar de existir como individualidades.

Não é isso que Jesus deseja. O verdadeiro significado do *negue a si mesmo* é que começemos a substituir gradativamente o homem velho que ainda vive em nós pelo homem novo. O homem velho é o nosso eu atual, ainda egoísta, ainda orgulhoso e que carrega vícios e imperfeições arraigadas ao espírito.

Esse é um processo que ocorre naturalmente à medida que colocamos em prática os ensinamentos do Cristo. Pouco a pouco os enganos, as ilusões, os defeitos vão dando lugar a uma nova postura, uma nova conduta de vida. Pouco a pouco o homem velho se desfaz e o homem novo ganha vida em nós.

Quanto ao *tome a sua cruz*, Jesus nos diz que precisamos assumir de forma consciente o trabalho que cabe exclusivamente a nós em nosso processo evolutivo.

O trabalho de reparar nossos erros do passado é exclusivamente nosso e de ninguém mais. Essa cruz é nossa, não podemos colocá-la sobre os ombros de outra pessoa para que ela a carregue por nós.

Terceirizamos nossos problemas com muita facilidade. Por exemplo: a infelicidade no relacionamento a dois sempre é culpa do companheiro ou da companheira. Se não consigo crescer profissionalmente é porque meu chefe não reconhece o meu trabalho ou por causa dos colegas de trabalho que são invejosos e me prejudicam.

A todo momento estamos tentando colocar nossa cruz nos ombros dos outros. Enquanto eu achar que a causa de todos os meus problemas são os outros, eu continuarei sofrendo.

Na infelicidade que sinto em meu relacionamento preciso responder a mim mesmo com toda a franqueza possível: "Será que eu também não tenho um comportamento que causa a infelicidade da minha companheira? Nos momentos de atrito minha reação tem sido de atenuar os problemas ou de aumentá-los? Talvez eu esteja jogando pedras e fique esperando receber flores. O que posso fazer para tornar meu relacionamento mais feliz?".

No meu insucesso profissional devo me questionar: "Tenho feito meu trabalho de maneira que corresponda às expectativas dos meus superiores e da empresa para a qual trabalho? Lido com meus colegas com espírito de equipe ou penso apenas em mim mesmo? Se depois de um exame de consciência honesto eu chegar à conclusão de que naquela empresa, apesar de todos os meus esforços, a oportunidade de crescimento profissional que eu desejo não virá, então é hora de me empenhar para conseguir outro emprego onde eu possa crescer como desejo.

Todos os problemas, as dificuldades que enfrentamos na vida são nossas cruzes. Por mais difícil que seja para nós aceitarmos essa realidade, elas são também as nossas ferramentas de evolução.

Jesus não fará com que elas desapareçam milagrosamente, mas no Seu evangelho de amor e bondade e na infinita Misericórdia que Ele tem por todos nós, encontraremos os recursos para sustentarmos nossas cruzes com mais leveza e com gratidão por todo o amparo e assistência que temos recebido.

A segunda passagem evangélica que gostaríamos de trazer é aquela que se encontra em Mateus 10:34-36

*"Não penseis que vim trazer paz sobre a Terra. Não vim trazer paz, mas espada. Pois eu vim separar o homem do seu pai, a filha de sua mãe, e a nora de sua sogra; e os inimigos do homem serão os membros de sua casa".*

Essa é uma daquelas passagens evangélicas que, se interpretadas superficialmente, fazem acreditar que Jesus estaria em contradição consigo mesmo. Ela se encontra, junto com outras passagens de teor semelhante, no capítulo XXIII de O Evangelho Segundo o Espiritismo intitulado *Estranha Moral*.

Analisando essa passagem, Kardec nos diz que seria uma contradição da parte de Jesus, que sempre pregou o amor ao próximo, dizer que Ele veio trazer a discórdia e a divisão entre os membros da família. Seria algo inaceitável.

Alguns estudiosos do evangelho chegam a dizer que tais palavras não foram ditas por Jesus, mas Kardec afirma que sim, Jesus proferiu essas palavras. Portanto, para compreendermos de fato o que Jesus quis dizer é preciso extrair o espírito da letra.

Kardec nos esclarece que Jesus sabia de antemão que Suas ideias causariam uma ruptura entre os que queriam manter poder e domínio e aqueles que abraçariam os novos ideais que Ele veio trazer à humanidade.

Mesmo dentro das famílias consaguineas essa ruptura aconteceria. Daí Jesus ter tido que veio separar o pai do filho, a filha da mãe, a nora da sogra. Isso é algo que nós precisamos ter em mente pois nós também somos suscetíveis de sofrer essa ruptura.

Quando nós assimilamos os ensinamentos do Cristo e começamos a vivenciá-los, sobretudo através da Doutrina Espírita, é impossível não nos transformamos. Foi por isso que Kardec disse:

*Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más*.

É simplesmente impossível permanecer a mesma pessoa quando o Cristo começa a viver em nós.

Essa mudança tem uma consequência: eu me torno seletivo com relação às minhas ações, reações, gostos, lugares que frequento e pessoas com as quais convivo. Eu começo a me desapegar daquilo que se torna incompatível com o novo modo de vida que eu escolhi e isso invariavelmente leva à rupturas. Rupturas comigo mesmo, rupturas com os outros.

É muito importante termos em mente que não se trata de desprezar pessoas. Não é uma questão de nos considerarmos melhores que elas e, portanto, acharmos que elas já não merecem mais nossa companhia. Essa maneira de pensar na verdade denotaria orgulho da nossa parte e estariamos dando provas de que não aprendemos nada com Jesus.

Estamos falando aqui de trilhar novos caminhos, caminhos que nem sempre as pessoas estarão dispostas a seguir conosco. São situações em que precisamos ter força de vontade e, às vezes, coragem.

Se não nos mantivermos firmes em nossos novos propósitos, corremos o risco de abandonarmos o Cristo e retornarmos ao velho modo de viver.

O último ponto que gostaríamos de destacar é que Jesus espalhou o bem a todos os que cruzaram seu caminho. Para Ele, a oficina de trabalho é o mundo inteiro. Isso se aplica também a nós. Não importa a quem, quando, onde ou como: se a vida nos oferece ensejo de fazer o bem, devemos fazê-lo.

Aqui na Casa de Glacus é muito fácil ser cristão. Afinal de contas, estamos envolvidos em uma atmosfera de paz e de luz. Compartilhamos pensamentos, sentimentos e objetivos.

A Espiritualidade Amiga dessa casa nos oferece valiosas oportunidades de aprendizado e amparo, renovando nossas energias para enfrentarmos nossas lutas diárias.

Mas o que recebemos aqui precisa ser levado para o mundo lá fora. Claro que podemos trabalhar aqui realizando uma ou mais tarefas que essa casa nos oferece. Mesmo vocês que nos ouvem nesse momento estão trabalhando, doando suas boas vibrações e energias, mantendo a sintonia elevada. Estão colaborando com a Espiritualidade que se utiliza desses recursos nos trabalhos que realiza.

Mas o mundo lá fora é nossa maior e mais importante oficina de trabalho. Seja no lar, no local de trabalho, nos momentos de lazer, nos locais de estudo, na via pública; em todo e qualquer lugar podemos e devemos colocar em prática aquilo que aprendemos com o Cristo.

Assim como Jesus serviu a muitos por onde passou, também nós devemos fazer o bem por onde passarmos.

O Espiritismo é o Cristo redivivo. Sem querer fazer críticas aos nossos irmãos de outras escolas religiosas, mas o Espiritismo nos mostra e prova que o evangelho de Jesus precisa sair dos templos, dos locais sagrados de oração e assumir um lugar preponderante em nossas vidas, precisa estar à frente em tudo aquilo que fizermos.

Não devemos ser aqueles cristãos que esperam que no dia do juízo final, Jesus venha arrebatar os bons ao Céu e enviar os maus ao Inferno. Jesus é, de fato, o salvador da humanidade, mas não aquele salvador que no momento derradeiro, vai perdoar os pecados dos seus seguidores e transportá-los para o paraíso de contemplação.

Ele é o salvador da humanidade porque se seguirmos os Seus passos, se trilharmos os caminhos que Ele trilhou, seremos salvos de nós mesmos, dos erros, vícios e imperfeições que ainda carregamos conosco ao longo dos milênios.

Há pouco mais de 2000 anos nós crucificamos Jesus Cristo. Precisamos urgentemente retirá-Lo da cruz e O colocarmos em nossos corações. É tempo de substituir a crucificação pela cristificação.

Ao longo de nossas existências aqui na Terra temos sofrido inúmeras quedas. Em todas elas o amor incondicional e a misericórdia infinita do Cristo, nos reergueram e nos colocaram de volta em nossa caminhada evolutiva.

Expressemos a gratidão por tudo o que temos recebido trabalhando cada vez mais no bem, permitindo assim que o Cristo viva em nós.